

NOVOS ANTICOAGULANTES ORAIS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Camila de Brum Scalcon (apresentadora)¹

Ana Sílvia Meira²

José Ribamar Fernandes Saraiva Júnior³

Luiza Filippin Matté⁴

Mônica Palos Barile⁵

Suélen Zanoni Bertuzzi⁶

Ana Letícia Hartmann Görgen⁷

Gabriela Rigon Martinazzo⁸

Resumo: Por décadas o uso de anticoagulantes orais esteve limitado aos antagonistas da vitamina K indicados para tratamento e prevenção de tromboembolismo venoso. Até o ano de 2009, foram a única classe disponível. Porém, na última década, o aumento do número de fármacos desenvolvidos para substituir os já existentes ou para auxiliar no tratamento da doença arterial coronária resultou em medicamentos lançados, denominados novos anticoagulantes orais, os NOACS. Com características farmacológicas que permitem facilidade de e com dosagem previsível, sem necessidade de monitoramento de rotina como se faz com a varfarina, podem ser uma excelente opção terapêutica. Representante mais antiga dos antagonistas da vitamina K, a varfarina, fármaco de comprovada eficácia clínica, apresenta importante interação medicamentosa e alimentar, início lento dos efeitos terapêuticos e necessidade de monitorização da resposta ao tratamento por meio do controle laboratorial do tempo de protrombina (TP) e da aferição da *Internacional Normalized Ratio* (INR), cujo valor mostra o nível de anticoagulação do sangue. Medicamentos como o acetaminofeno, o omeprazol e as estatinas podem aumentar o valor do INR, já o haloperidol, a rifampicina e os anticoncepcionais orais, podem diminuir o efeito de anticoagulação desejado. No entanto, quanto ao potencial risco de sangramento, a vantagem de se ter um antídoto é sumária. O efeito da varfarina é rapidamente reversível com a administração de vitamina K por via oral ou endovenosa, oposto a isso, os NOACS carecem de antídoto, exceto pela dabigatran, cuja reversibilidade está disponível, porém ainda com um custo bastante elevado. Nesse ponto reside o principal problema quando se opta pelo uso dos novos fármacos: a disponibilidade do antídoto em caso de hemorragia grave é limitada. Em contraponto, mesmo sem um antídoto prontamente disponível, estudos clínicos randomizados conduzidos entre os

¹Acadêmica de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Passo Fundo, Rio Grande do Sul. E-mail: camiladebscalcon@gmail.com

²Professora Especialista do curso de Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Passo Fundo, Rio Grande do Sul. E-mail: ana.meira@uffs.edu.br

³Professor Mestre do curso de medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Passo Fundo, Rio Grande do Sul. E-mail: josersaraivajr@gmail.com

⁴Acadêmica de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Passo Fundo, Rio Grande do Sul. E-mail: lu_matte@hotmail.com

⁵Acadêmica de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Passo Fundo, Rio Grande do Sul. E-mail: monicabarile@hotmail.com

⁶Acadêmica de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Passo Fundo, Rio Grande do Sul. E-mail: suelen.zanoni@hotmail.com

⁷Acadêmica de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Passo Fundo, Rio Grande do Sul. E-mail: analeticia_gorgen@hotmail.com

⁸Acadêmica de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Passo Fundo, Rio Grande do Sul. E-mail: gabriela.martinazzo@hotmail.com.



anos de 2009 e 2013, envolvendo rivaroxaban, dabigatran, apixaban e edoxaban evidenciaram a superioridade da classe quanto aos menores riscos de sangramento. Mais estudos envolvendo tais fármacos são necessários para que se possa produzir evidências clínicas acerca da segurança e efetividade, quanto ao uso em larga escala nas diferentes faixas etárias e em pacientes com comorbidades, dentre as quais, a insuficiência renal crônica.

Palavras-chave: Medicina. Novos anticoagulantes orais. Varfarina. Efeitos colaterais.

Categoria: Ensino

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde

Formato: Comunicação Oral